

## História: China – um gigante na história (parte 2)

### As fantásticas realizações do Imperador Zhu Di

#### 1) A fantástica e pouco conhecida expansão marítima chinesa

A intensa atividade comercial chinesa já era conhecida desde os tempos dos antigos romanos. Sabe-se que a seda da China chegava até a capital do Império Romano há dois mil anos. A Rota da Seda cruzava toda a Ásia Central. Dos centros produtores no leste chinês, a seda era transportada para oeste através do longo deserto, transpunha as montanhas do Afeganistão e da Pérsia (Irã) e chegava à Mesopotâmia (atual Iraque), último domínio do Império Romano no Oriente. Sem dúvida, foi a mais extensa rota comercial terrestre da história voltada a um único e valiosíssimo produto.

Em relação ao comércio marítimo, a China também surpreende. Já no século IX, durante as dinastias mongóis de Song e Yuan, foram construídas grandes frotas comerciais que desenvolveram, nos séculos seguintes, relações comerciais com povos dos oceanos Pacífico e Índico. No século XV, os chineses eram os maiores detentores do comércio mundial de especiarias orientais, chegando a consumir 100 vezes mais especiarias do que a Europa durante o Renascimento Comercial e Urbano (do século XI ao XV). A China mantinha relações comerciais com entrepostos da Coréia, do Japão, das Filipinas, da Indonésia, da Malásia, da Índia, do Sri Lanka, do Iêmen, da Arábia e da África Oriental.

O imperador Zhu Di, o segundo da Dinastia Ming, promoveu uma incrível expansão da frota chinesa com a construção de 1681 novos navios, totalizando 3500, dos quais 250 eram navios de tesouros (veja o próximo quadro). Foram estes que trouxeram grande parte dos 26000 convidados dos mais distantes reinos para a luxuosa festa de inauguração da Cidade Proibida, em 2 de fevereiro de 1421, que durou um mês.

Em 3 de março de 1421, quando partiram 100 juncos da China para levar de volta os convidados da grandiosa festa, o almirante Zheng He cumpria também ordens do imperador para dar início a mais ousada empreitada marítima que se tem conhecimento. Os navios teriam como missão navegar em todos os oceanos do mundo, fazer cartas náuticas destes, realizar estudos científicos das regiões a serem descobertas, estabelecer trocas comerciais e recolher tributos dos “bárbaros” de além-mar. Seguindo as instruções do imperador, os juncos, divididos em quatro grandes frotas, teriam passado pela Austrália e Nova Zelândia, cruzado os oceanos Índico, Atlântico e Pacífico, além de terem costeado parte do continente americano e, surpreendentemente, desembarcado no litoral gelado da Antártida. A jornada, no sentido leste-oeste, duraria mais de dois anos e completaria a volta ao globo terrestre cem anos antes da conhecida expedição de circunavegação de Fernão de Magalhães (1519-1522).



Representação de quatro das línguas menos faladas na China. Da esquerda para a direita: mongol, tibetano, uighur e zhuang.

#### 2) A Grande Enciclopédia

Em 1404, o imperador Zhu Di nomeou dois conselheiros, que, assessorados por 2180 eruditos, dirigiram um projeto de preservação da literatura e de todos os ramos do conhecimento da época. Esse empreendimento intelectual resultou numa enciclopédia de 4000 volumes, com cerca de 50 milhões de caracteres, que foi completada em 1420. Para se ter uma idéia da grandiosidade da obra, é só compará-la com a famosa *Encyclopédie* do movimento iluminista francês iniciada por Jean d'Alembert em 1750 e concluída por Denis Diderot em 1772, ou seja, mais de três séculos após a obra chinesa. A enciclopédia européia compreendia apenas 28 volumes, que continham 71818 artigos.

#### 3) Os gigantescos juncos chineses: navios de tesouros

Os juncos apresentavam medidas impressionantes: os maiores chegaram a ter 146 metros de comprimento, 55 metros de boca (largura) e nove mastros com doze imponentes velas de seda vermelha. Mais de 200 marinheiros conduziam essas gigantes naves marítimas, que chegavam a transportar mais de 1000 pessoas e centenas de toneladas de carga. Levavam uma grande diversidade de alimentos conservados, animais vivos (inclusive lontras pescadoras), cultivavam



Ilustração de um juncos (navio transportador de tesouros).

variados vegetais a bordo e possuíam laboratórios, oficinas e 60 camarotes de luxo. Para evitar naufrágios, tais juncos tinham 16 compartimentos estanques (fechados com ar) com casco triplo. Se compararmos com os barcos portugueses da época do Descobrimiento do Brasil (cerca de 80 anos após), notaremos que as diferenças eram gritantes. A nau Capitânia, a maior da frota de Pedro Álvares Cabral, por exemplo, não chegava aos 50 metros, possuía três mastros, embarcava 190 pessoas e apresentava, como todos os demais barcos das Grandes Navegações portuguesas e espanholas, sérias deficiências na conservação de alimentos frescos. Além do mais, eram extremamente frágeis. Das 13 caravelas da expedição de Cabral às Índias, apenas sete retornaram a Portugal.

Os navios de tesouros eram assim chamados porque carregavam uma grande quantidade de riquezas que o imperador mandava doar aos monarcas orientais, para posteriormente exigir fidelidade e cobrar tributos. Os juncos, pela sua imponência e poder militar, também serviam para intimidar governos e populações. Um grande mestre nessa obra foi o eunuco Zheng He, nomeado, pelo imperador Zhu Di, almirante maior e embaixador da China. Zheng chegou a visitar mais de 30 países. Todo esse poder chinês nos oceanos Pacífico e Índico já não mais existia quando Vasco da Gama chegou a Calicute (Índia) em 1498. O que teria acontecido?



Páginas da Grande Enciclopédia.

#### 4) O isolamento chinês

Por que a expansão marítima chinesa não é sequer mencionada nos livros de história do Ocidente? Porque também foi esquecida pela própria história chinesa durante muito tempo. Voltemos aos fatos de 1421 para compreender essa inusitada situação.

O ousado imperador Zhu Di morreu meses após a partida dos 100 juncos, enquanto o almirante Zheng He e outros almirantes subalternos cumpriam com sucesso a missão de registrar importantes dados que o mundo ocidental sequer imaginava naquele final da Idade Média. O novo imperador, longe da influência de Zheng e de outros importantes intelectuais e funcionários que haviam embarcado na grande frota, deixou-se levar por uma tendência que defendia uma diminuição de gastos imperiais e de isolamento da China diante dos povos “bárbaros” do exterior. Havia motivos para tanto, pois a construção da Cidade Proibida, as obras do Grande Canal, a dispendiosa construção dos juncos e outras despesas extravagantes haviam desgastado o império e causado insatisfações na população e em parte dos funcionários e aristocratas. Quando as frotas retornaram, nenhum almirante, sábio ou integrante dessas recebeu qualquer aclamação. Pelo contrário, perderam seus cargos. Os registros da grande expedição ficaram esquecidos e se deterioraram; muitos foram propositalmente destruídos. Os juncos não mais tiveram qualquer missão e, atacadados, apodreceram. Também apodrecerem os estaleiros e os projetos navais. Os imperadores seguintes mantiveram a postura de que a China se bastaria e que o mundo exterior não lhe forneceria qualquer interesse ou vantagem.

#### 5) A Cidade Proibida

O mesmo imperador Zhu Di começou a construção da Cidade Proibida no centro de Pequim em 1406, a qual levou 14 anos para ser concluída. A Cidade Proibida é o maior complexo palaciano do mundo, com cerca de 720000 metros quadrados. É cercada por um fosso de seis metros de profundidade e muros de dez metros de altura, tão maciços que podem suportar até tiros de canhão. Mais de um milhão de trabalhadores foram empregados diretamente em sua construção e outro milhão de soldados montavam guarda em torno de toda essa gente. Estima-se que, de forma indireta, a obra ainda tenha mobilizado mais de três milhões e meio de pessoas.

Construída para servir como centro político da China, era de fato uma cidade proibida a quase todos os chineses, pois sua utilização era restrita à aristocracia, às concubinas do imperador e aos integrantes da enorme burocracia palaciana. Os ministros, os funcionários e criados homens que serviam ao imperador na Cidade Proibida eram todos eunucos. Tal medida servia para a proteção do harém imperial, não apenas a fim de evitar o adultério das concubinas, mas principalmente para garantir a sucessão de um filho legítimo do imperador ao trono.



Imagem de satélite atual da Cidade Proibida.

#### 6) Gigante enfraquecido

Até fins do século XVIII, o Império Chinês se preocupava mais com assuntos internos. Sob a nova Dinastia Manchu, conheceu a sua máxima expansão territorial: os mongóis foram derrotados e novas conquistas ocorreram, como da Ilha Formosa (Taiwan) e do Tibete (de 1680 a 1720). No sul, o Annam (Vietnã), Myanmar e Nepal reconheceram as fronteiras chinesas. Contudo, o comércio exterior não seria mais o mesmo. Em vez de se impor, a China passou a manter relações comerciais com colônias européias (portuguesas, holandesas e britânicas), que se estabeleceram nas proximidades e até em seu território, como foi o caso de Macau (Portugal). Em 1839, os ingleses aproveitaram a destruição de um carregamento de ópio, introduzido de modo forçado na China a partir da Índia, para declarar a Guerra do Ópio. Com a derrota chinesa, os ingleses impuseram o Tratado de Nanquim (1842), pelo qual os ingleses ganharam Hong Kong (devolvido à China em 1997), além do acesso comercial irrestrito a cinco portos, entre os quais os dois mais importantes do império: Xangai e Cantun. Uma intervenção militar franco-britânica obrigou o governo chinês a fazer novas concessões em 1860 pelo Tratado de Pequim: onze novos portos foram abertos, além da concessão de outras vantagens aos estrangeiros.

O gigante, o maior e mais poderoso império de outrora sucumbia aos interesses das novas potências européias. Como isso pôde acontecer? Os imperadores posteriores a Zhu Di não imaginaram que a opção pelo isolamento lhes traria tanta fragilidade em relação ao mundo exterior. Ao não darem continuidade ao seu original progresso, os seus avanços científicos e tecnológicos representados pelos grandes juncos se perderam e, conseqüentemente, perderam também seu poder comercial, político e militar, os quais seriam úteis e suficientes para barrar o avanço dos ocidentais. Naqueles séculos da Idade Moderna (do XV ao XVIII), coincidentes com o isolamento da China, ocorria no Ocidente o Renascimento Cultural, a Revolução Científica, a Revolução Industrial e a consolidação do capitalismo. Ora, o nascente sistema capitalista ocidental buscava (e busca) o aumento dos lucros através da contínua expansão de mercados consumidores e fornecedores. O mercado chinês, com todo o seu gigantismo e a sua potencialidade, passou a ser o grande objetivo das novas potências industriais do século XIX. Não foi à toa que, naquela época, surgiu a expressão “fazer um negócio da China”.



Muralha e rio ao redor da Cidade Proibida.